

**CULTURA, EDUCAÇÃO
E VIOLÊNCIA NO
TELEJORNALISMO
SENSACIONALISTA
PESQUISA CRÍTICA**

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unesco/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp (*in memoriam*)
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Júlia da Silva Pontes
Sílvia Rosa da Silva Zanolla

**CULTURA, EDUCAÇÃO
E VIOLÊNCIA NO
TELEJORNALISMO
SENSACIONALISTA**
PESQUISA CRÍTICA

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zanolla, Sílvia Rosa da Silva

Cultura, educação e violência no telejornalismo sensacionalista : pesquisa crítica / Sílvia Rosa da Silva Zanolla; Júlia da Silva Pontes – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021. – (*As Dimensões da Formação Humana* / coordenação Wanderson Ferreira Alves, Sandra Valéria Limonta Rosa)

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-58-5

1. Ciências sociais 2. Comunicação 3. Cultura 4. Jornalismo 5. Violência
I. Pontes, Júlia da Silva. II. Alves, Wanderson Ferreira. III. Limonta, Sandra Valéria III. Título IV. Série.

21-64594

CDD-070.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Telejornalismo 070.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mercado de Letras

revisão final das autoras

bibliotecária: Aline Grazielle Benítez – CRB-1/3129

AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO HUMANA

Wanderson Ferreira Alves (coord.) – Universidade Federal de Goiás
Sandra Valéria Limonta Rosa (coord.) – Universidade Federal de Goiás

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

A ideia de que as pessoas dotadas de gênio e talento façam suas obras por si mesmas e que estas sejam facilmente compreensíveis não passa de entulho de uma estética baseada no culto do gênio. É uma concepção enganosa. Nada do que, de fato, se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos.

(Theodor W. Adorno, 2010)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
<i>Simei Araújo Silva</i>	
APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
1. IDEOLOGIA CAPITALISTA E (DE) FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	29
2. APURAÇÃO SENSACIONALISTA NO JORNALISMO POLICIAL E SUA REPRODUÇÃO IDEOLÓGICA DA VIOLÊNCIA.....	73
3. “BRASIL URGENTE” E “CIDADE ALERTA”: UMA ANÁLISE DA APURAÇÃO SENSACIONALISTA DA VIOLÊNCIA.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
REFERÊNCIAS.....	179
APÊNDICES.....	187

PREFÁCIO

Vivemos em uma sociedade capitalista e tecnológica, regida e orquestrada pela racionalidade instrumental e pela indústria cultural, as quais perpassam a mídia em geral, em especial a televisiva, que se faz presente de forma massiva no ambiente doméstico, participando, de certa forma, na (de)formação dos indivíduos. Mas, por que o jornal televisivo não forma um espectador com capacidade de análise crítica, autônoma, com opinião própria sobre o conteúdo veiculado pelo telejornalismo? A autoras deste livro nos instiga a compreender e refletir essa questão a partir do estudo da Teoria Crítica frankfurtiana, representada especialmente por Adorno e Horkheimer, baseada, sobretudo, na relação sujeito e objeto, nos conceitos de racionalidade instrumental, ideologia e indústria cultural. Esse questionamento percorre toda a análise conceitual e dos dados empíricos focada na discussão da retratação da temática da violência no jornalismo policial, considerando o alto índice de audiência desse gênero jornalístico a partir da década de 90 do século XX, especialmente “Brasil Urgente” da TV Bandeirantes e “Cidade Alerta” da Rede Record. Neste livro, dialogam também com autores que analisam o conteúdo, a audiência, a receptividade do telespectador e a trama sensacionalista da notícia policial que envolve o poder da imagem, do som e da parcialidade do comunicador.

Ao fazer a leitura atenta e cuidadosa desta obra, deparamo-nos com discussões relevantes que contribuem para compreendermos

a relação existente entre a forma de comunicar uma notícia, ornamentada de sensacionalismo, de drama, chamativa, sedutora, que induz o telespectador a se identificar emocionalmente com o conteúdo da violência e, em consequência, tende a pensar que a culpa da violência, como assassinato, feminicídio, crime, abuso sexual, assalto, dentre outras, recai sobre o indivíduo isolado de seu contexto social, cultural e histórico. Certamente, o uso de adjetivos pejorativos é ressaltado para se referir ao indivíduo como criminoso, bandido, ladrão, coitado etc. Essas denominações vão se reproduzindo em meio ao público televisivo como ideologia, gerando a formação de opiniões fragmentadas, distantes da realidade, configurando-se como verdades absolutas.

Nesses termos, o indivíduo é (de)formado e guiado pela razão instrumental e iludido com a trama da imagem, som e sensacionalismo de uma notícia policial, induzindo-o a acreditar que essa trama é extensão da realidade social, prevalecendo somente a visão objetiva imediata e aparente desse fato, que por sua vez, realizam a mediação entre os homens e a sociedade capitalista. No entanto, as autoras nos esclarecem que a análise de um fato social dessa natureza deve ser contextualizada culturalmente, historicamente e politicamente, o que requer considerar a relação inseparável entre sujeito e objeto, e que certamente, não é correto culpabilizar o indivíduo que, por sua vez, é constituído socialmente como também, ao mesmo tempo, constitui a sociedade.

Por fim, as autoras ressaltam a importância de se garantir uma formação humana pautada nos aspectos subjetivos e objetivos, o que significa considerar que a constituição do sujeito reflexivo e autônomo perpassa a análise da realidade material e social simultaneamente. Uma formação assim permite exercitar a autorreflexão, ou seja, pensar o seu próprio pensamento emancipando-se da razão instrumental e da indústria cultural gestadas pela lógica capitalista. Assim sendo, o sujeito como espectador televisivo será capaz de assistir a uma notícia sensacionalista repleta de imagens trágicas, dramáticas, de

suspense, acompanhada de trilha sonora e, mesmo assim, se afastar do conteúdo para analisar o fato como social e não como individual.

Ademais, ressalto a expoente contribuição desta obra para a academia e para a sociedade por lançar um conhecimento ousado que desperta e acredita na possibilidade de questionar um poderoso império jornalístico policial sensacionalista televisivo que captura a capacidade de imaginar, de pensar, de refletir, de discordar, de emancipar-se. Isto sim é a maior violência contra a humanidade bem traduzida nas palavras de Adorno (1987, p. 346) “... cercar e capturar a consciência do público por todos os lados”.

Simei Araujo Silva

Goiânia, 01 de fevereiro de 2021.

APRESENTAÇÃO

Essa obra é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa – FAPEG, apoiada pela Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás/PPGE-FE/UFG por meio da Linha Cultura e Processos Educacionais e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA/FE/UFG). A abordagem da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt é muito importante para a área da comunicação, especialmente no que tange ao Jornalismo em interface com a Educação e a Cultura. Isso constitui um elemento crucial para vislumbrar a atividade jornalística com “um olhar realmente formativo e crítico”, sobretudo quando se trata de um de seus gêneros específicos: o Jornalismo Policial. Muitos de seus aspectos (de) formativos chamam a atenção, especialmente sua concentração na apresentação de notícias do âmbito da violência, como mortes, assassinatos, acidentes e crimes de todas as ordens, usando do sensacionalismo para tratar tais informações.

Isso considerando, este trabalho tem como objetivo primordial estabelecer as conexões entre a apuração sensacionalista da violência no Jornalismo Policial e a ideologia que permeia a sociedade capitalista, a fim de identificar possíveis ideologias acerca da violência, partindo do pressuposto de que tais ideologias fomentam a barbárie. Para tanto, lançamos mão da pesquisa bibliográfica para construir um respaldo teórico, em que a Teoria Crítica foi fundamental, principalmente as ideias de

Adorno e Adorno e Horkheimer (1985). Optou-se pela metodologia da análise de conteúdo dos telejornais “Brasil Urgente” e “Cidade Alerta”, que se encaixam no gênero jornalístico policial. Foram analisadas seis reportagens de cada telejornal, uma de cada mês, do primeiro semestre de 2018.

Afere-se que a forma como as notícias são construídas, editadas e apresentadas nesses telejornais propagam uma espécie de racionalidade técnica bárbara, e irracional, já que direcionam as causas e soluções da violência para o âmbito individual, provocando o desligamento da relação dialética existente entre sujeito e objeto, uma propagação da frieza e da banalização da violência.

Que esta obra possa contribuir para com uma reflexão profunda acerca do lugar do jornalismo como veículo de propagação da formação crítica e transformadora. Que seja possível a partir da comunicação uma aliança com a educação verdadeira, de modo a resistir ao seu potencial alienante e desumanizador.

Júlia da Silva Pontes
Silvia Rosa da Silva Zanolla

INTRODUÇÃO

Experiências demonstram que é explícito o apelo à emoção do telespectador quando se coloca na tela da TV imagens chocantes, de extrema violência: pessoas em situações precárias de fragilidade, chorando, sangrando, sendo presas e mortas; vídeos de câmeras de segurança mostrando acidentes; pessoas arremessadas com crueldade e agressividade. Um verdadeiro “show” de horrores que pode ser visto ao vivo e em cores proporcionado pelos telejornais policiais sensacionalistas no Brasil.

Nada é mais desumano do que a produção racional e técnica de tais conteúdos assistidos como mais um noticiário qualquer, mesclando-se a momentos de refeição e a comentários que expressam certo costume àquele tipo de notícia; uma banalização, como se tais violências fossem algo normal, do tipo: “é assim mesmo, vida que segue”. Paralelamente a essa indiferença e aceitação, nota-se a presença de comentários de ódio direcionados aos protagonistas (algozes) das notícias, algo advindo não só da construção da notícia – que, pelo recurso da emoção, tende a dramatizar os fatos e criar uma vitimização intensa –, mas, principalmente, das próprias falas do apresentador do programa, que teatralmente incentiva a pena de morte – de modo sutil ou não – como forma de resolução de questões apresentadas, ao tempo que se descontrola frente às câmeras, adjetivando pejorativamente os ditos “criminosos”, “maníacos” e “vagabundos”, indignado com “tamanha injustiça ao cidadão de bem”. Diante de tais cenas, torna-

se perceptível o objetivo “da sede pela audiência” em detrimento da informação de qualidade formativa e da ética na apresentação e apuração do conteúdo. Fato é que essas cenas indicam que muitos dos elementos do gênero policial violam uma série de normas do Código de Ética dos próprios jornalistas brasileiros:

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista [...]

Art. 7º O jornalista não pode: [...]

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime; [...]

Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista [...]

Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações: [...]

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes; [...]

Art. 12. O jornalista deve: [...]

III - tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar (FENAJ, 2007, p. 1-3).

Essas normas questionam a maneira como os conteúdos são divulgados pelas mídias e assimilados pelos telespectadores, principalmente pelo fato de o Jornalismo ser uma atividade que busca a credibilidade e o ideal de verdade e imparcialidade (Traquina 2004). São dados que trazem as seguintes reflexões: o que pensaria, então, o público, de uma “realidade violenta” apresentada nesse modelo de formato? Seria perceptível a banalidade? Qual o nível de persuasão na ideia de se combater o crime e a violência com repressão, mais violência, justificações populares e punições da parte da polícia? Qual seria a atitude mais comum do público frente aos estímulos apresentados pela TV? Quais são as ideologias assimiladas? Essas questões foram alvo de estudo de Adorno (1995b) na obra *Televisão e formação*, em que questiona o potencial (de) formativo da comunicação televisiva na modelagem do comportamento e da subjetividade do público.

Considerando a construção ideológica em âmbito objetivo e subjetivo – material e humano, cultural e social – da violência

produzida pelos telejornais na formação do público, o contato com os teóricos da Teoria Crítica Frankfurtiana,¹ principalmente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, e suas ideias referentes ao conceito de Indústria Cultural² e de educação e formação são fundamentais para este estudo. A Teoria Crítica possibilita um olhar para a estruturação do Jornalismo Policial e as reações do público frente ao significado de seus conteúdos – mesmo que seja de indiferença, ou de extrema passionalidade –, proporcionando refletir sobre a impossibilidade de uma formação mais humanista e crítica, olhando além desses fenômenos: não só arbitrariedade ou como frutos da constante repetição da temática da violência no noticiário ou influência direta dos discursos de ódio do apresentador, mas também como reflexos de uma conjuntura histórica e social que dificulta o pensamento criativo e uma verdadeira experiência contra a deformação instrumentalizada da consciência.

O embasamento para esse novo olhar foi justamente a crítica à teoria tradicional e ao método positivista de estudo (Adorno 2008; Adorno e Horkheimer 1985). Influenciados pelo pensamento marxiano, o positivismo,³ para os autores, ao se ater aos fenômenos

-
1. A Teoria Crítica Frankfurtiana surgiu com a Escola de Frankfurt, fundada por Max Horkheimer, que buscava reunir intelectuais em formação multidisciplinar para discutirem a respeito da sociedade. Seu objetivo principal era formular uma teoria crítica da sociedade que, então, partia das delineações sócio-históricas, políticas e epistemológicas, tendo como base o desenvolvimento da sociedade ocidental a partir de seus primórdios civilizatórios (Zanolla 2007).
 2. Desenvolvido pelos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985), esse conceito diz respeito à reestruturação política e econômica do sistema capitalista a partir da Segunda Guerra Mundial por meio dos setores de comunicação e cultura que priorizaram, de modo administrado, o consumo em amplitude (massa), investindo em propaganda e no aperfeiçoamento de técnicas e estímulos psicossociais para esse objetivo.
 3. O positivismo foi uma corrente de pensamento filosófica francesa, criada por Augusto Comte, que estabelecia o método científico como o único caminho legítimo para se alcançar o conhecimento e a verdade. Pautava-se, principalmente, no empirismo, na observação do objeto de

tais como se apresentam, de modo pragmático e serializado, os reduz à aparência, ignorando a totalidade a que estão ligados e, portanto, sua essência.

Essenciais são as leis objetivas do movimento da sociedade referentes às decisões acerca do destino dos homens, que constituem a sua sina – que justamente é decisivo mudar – e que, de outro lado, também encerram a possibilidade ou o potencial para que a sociedade cesse de ser a associação coercitiva em que nos encontramos e possa ser diferente. Porém, tais leis objetivas do movimento são válidas apenas enquanto efetivamente se expressam em fenômenos sociais, e não quando se esgotam no sentido de uma mera derivação dedutiva de conceitos puros – por mais profundamente enraizadas no conhecimento social que esses conceitos sejam. (Adorno 2008, p. 87)

Por esses argumentos, tem-se, então, que essência, no pensamento adorniano, não diz respeito à ideia de algo puro, mas sim àquilo que está verdadeiramente por trás dos fenômenos sociais aparentes, como leis contraditórias que os regem e determinam que sejam da forma que se apresentam. Através dessa concepção, compreende-se os objetos particulares traçando seu conceito de modo a estabelecer suas conexões com o todo, com as relações históricas que o constituíram e constituem, ou seja, considerando sua essência, o que não se apresenta na aparência. Na concepção de Adorno (2008), portanto, conceito e objeto não se separam definitivamente, se negam e se afirmam dialeticamente, pois o conceito, para além de ser mero nominalismo, deve trazer

estudo de forma “imparcial” (Hobsbawm 2017b). O método foi bastante criticado por Adorno (2008) e por Adorno e Horkheimer (1985), pois consideravam que o positivismo se retinha apenas à aparência do objeto, ignorando suas relações históricas e sociais. Além disso, a posição que o positivismo colocava o sujeito em relação ao objeto de estudo reduzia o objeto ao pensamento que o sujeito tinha dele, anulando, assim, contradições das condições reais do próprio objeto nesse processo de conhecimento.

o que está para além da aparência do objeto; separá-los de modo determinista é recair no imediato positivista.

Para Adorno, era inaceitável a ideia de que os conceitos fossem meros nomes, reservados unicamente para designar objetos e prontos a ser invocados ou rejeitados, ou simplesmente substituídos, conforme as exigências do momento; no limite, ferramentas convencionais de utilidade pontual na pesquisa. Em seu entender, os conceitos não podem ser desvinculados dos objetos a que se referem, são intrínsecos a eles. (Cohn 2008, p. 21)

É nesse sentido que os autores sempre se mostraram bastante cautelosos em relação a definições pré-determinadas. Para eles, definir de modo imediatista o objeto é como imobilizar seu conceito em uma categoria invariante, em mero nominalismo, como se estivéssemos desconsiderando sua própria constituição, que está em constante movimento de acordo com os moveres históricos e dialéticos: “Definir é o mesmo que capturar – objetividade, mediante o conceito fixado, algo objetivo, não importa o isto seja em si” (Adorno 1995a, p. 182). Assim, o estudo dos objetos na concepção adorniana deve, necessariamente, trazer em seu conceito algo que deixe implícito as contradições históricas de sua totalidade: o que foi, o que é e seu possível vir a ser. Ou seja, o estudo de algo não deve trazer somente o que está aparente, o fenômeno em si, mas explicar sua essência, o que não é possível de ser visto de modo mecanicista. Ao contrário, é assim que o autor traz sua ideia do que seria uma concepção dialética da sociedade:

Creio que a diferença decisiva entre uma doutrina positivista e uma doutrina dialética da sociedade está em que uma doutrina dialética recorre a essa objetividade conceitual que existe na própria coisa, enquanto a Sociologia positivista nega esse processo ou ao menos o minimiza, deslocando a formação conceitual meramente ao sujeito que contempla, observa, ordena e tira suas conclusões. (Adorno 2008, p. 107)

Devido à intensa dinâmica, essa dialética é, muitas vezes, interpretada como se desconsiderasse a prática e apenas se detivesse ao âmbito teórico, como se somente este fosse capaz de dizer do objeto. Entretanto, como dito anteriormente, essa é uma interpretação que Adorno (2008) nega veementemente, pois assume que, na verdade, teoria e prática se negam, mas se complementam: nos limites da prática, a teoria se apresenta para ir além e vice-versa. De fato, a teoria não tem a obrigação de corresponder à prática e vice-versa; muitas vezes, a bem da dialética, o contrário é verdadeiro. Se é uma relação dialética, isso embasa seu estudo, em que, assim como materialismo e idealismo, teoria e prática, essência e aparência são postas em relação recíproca, também se negando e se afirmando ao mesmo tempo, uma não existindo sem a outra: “o importante não é uma teoria solta, desconectada, porém efetivamente uma interação, uma inter-relação recíproca” (p. 92).

Através do conhecimento dessa abordagem, desenvolvemos um olhar analítico para além dos fenômenos apresentados ideologicamente pela realidade sobre o potencial da comunicação e da cultura. Portanto, ao observarmos a estruturação do Jornalismo Policial e as reações de indiferença e de ódio do público diante de seus conteúdos sensacionalistas, percebemos a possibilidade dessas expressões terem sua gênese no âmago da sociedade desinformada e no que ela pode oferecer em termos de cultura e educação. Vimos, portanto, elementos da origem de traços de barbárie pela administração da comunicação na sociedade. A barbárie é um conceito privilegiado por Adorno (1995b); diz respeito a uma tendência social à frieza e ao cometimento de atos de violência (ir)racionalis, desencadeados pela administração e a conjuntura da sociedade capitalista, potencializados pelo desejo de poder e dominação do indivíduo. O que aconteceu no campo de concentração de Auschwitz⁴ durante a Segunda Guerra Mundial

4. Auschwitz foi um dos campos de concentração do período nazista alemão, locais de extermínio dos judeus. Estes eram divididos em três grupos: homens, mulheres e crianças com idosos e inválidos. Os últimos, muitas vezes, já eram direcionados para câmaras de gás, enquanto os outros aguardavam para ser exterminados de outras

foi, para o autor, a expressão máxima dessa tendência social cruel e desumana: milhões de pessoas foram assassinadas de maneira planejada, obedecendo a um propósito ideal do nazismo.⁵

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação à sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. (Adorno 1995b, p. 155)

Diante desse acontecimento, o horror frente a um líder autoritário e cruel como Hitler, responsável pelo genocídio de milhões de judeus e minorias, Adorno (1995b) denunciou contradições da racionalidade como sendo irracional em uma sociedade que se dizia norteadas por elementos da razão aceita socialmente, a legitimidade da violência de modo incompreensível

maneiras (Levi 2015). Adorno (1995b) considera o que aconteceu no campo de concentração de Auschwitz a expressão máxima da barbárie, ou seja, a tendência social a uma racionalidade irracional.

5. O nazismo foi um estilo político consagrado no período fascista da Alemanha, governada por Adolf Hitler. A proposta do governo era expandir e reestruturar o país alemão, que ainda se recuperava da derrota na Primeira Guerra Mundial. Essa reestruturação se sustentava em forte nacionalismo, com a propagação de ideais antiliberais, antidemocráticos e eugênicos, como se a raça alemã fosse uma raça pura e superior. Uma das principais consequências do nazismo foi o antissemitismo, uma hostilidade em relação aos judeus, que resultou na sua perseguição (Hobsbawm 1995).

do ponto de vista humano. Para se compreender essas contradições inerentes ao contexto de desumanização recorrente na humanidade, é preciso se voltar para fatores históricos da sociedade moderna que é palco desse acontecimento – a sociedade capitalista –, a qual se constituiu tal como é através das mudanças ocorridas com a dupla revolução.⁶ Assim sendo, foi, portanto, influenciada pelos ideais Iluministas,⁷ em que o conhecimento, através da própria razão, visou retirar o pensamento do ser humano do patamar obscuro e submisso da Idade Média, época em que as ideias estavam bastante condicionadas ao pensamento da Igreja católica. Entretanto, a sociedade que dizia trazer essa nova forma de pensar, libertada das amarras religiosas, acaba por recair em outra prisão: a de uma racionalidade curvada aos sentidos mercadológicos. Na medida em que essa sociedade vai se assentando em moldes mercantis, rumo ao liberalismo, ou seja, baseados na troca livre, comércio e lucro, tal lógica, a fim de se perpetuar, vai se ampliando para outras esferas da sociedade, como a cultura. Esse processo culmina no que configura o conceito de Indústria Cultural trazido por Adorno e Horkheimer (1985), a ideia de que o sistema capitalista se reestrutura culturalmente por meio do incentivo à alienação subjetiva, no sentido de manter seus princípios clássicos objetivos de poder e dominação econômica.

6. Termo usado pelo historiador Eric J. Hobsbawm para se referir às Revoluções Francesa (1789) e Industrial (1780) (Hobsbawm 2017a).

7. O Iluminismo foi uma corrente de pensamento influenciada pelo Renascimento que buscava colocar o homem como centro das questões, deixando Deus e, conseqüentemente, a Igreja, de lado. Ao trazer essa mudança de foco para o homem, buscou fazer com que o indivíduo se libertasse das amarras da Igreja e fosse em busca da verdade e do conhecimento através da própria razão. Sobre seus objetivos: “Libertar o indivíduo das algemas que o agridoavam era o seu principal objetivo: do tradicionalismo ignorante da Idade Média, que ainda lançava sua sombra pelo mundo, da superstição das Igrejas [...] da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentes mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum outro critério irrelevante” (Hobsbawm 2017a, p. 48).

No momento em que a cultura e, conseqüentemente, todas as instâncias sociais passam a ser regidas por normas econômicas, os próprios indivíduos passam a também reger suas vidas por essa lógica. Como diz Adorno (1995a, p. 186), “Se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens; o que estes são para si mesmos, o que pretendem ser, é secundário”. Assim, instaura-se nos seres uma racionalidade irracional, muito mais voltada a sentidos produtivos do que humanos. Isso torna gritante o contraste entre o progresso técnico e o progresso moral, visível no quão evoluída está a sociedade em termos tecnológicos e o quão regredida está em termos humanos. Tais reflexões foram feitas por Adorno (1995b) ao analisar o acontecimento em Auschwitz, pois percebeu nessa regressão a expressão dessa racionalidade administrada e irracional. A partir disso, o autor afirma que a sociedade capitalista não oferece subsídios para uma verdadeira formação humana, ou seja, uma formação que, de fato, contribua para o desenvolvimento da subjetividade⁸ dos indivíduos.

Percebendo esses percalços e vendo as dificuldades de realizar mudanças significativas nesse sentido através do âmbito objetivo, Adorno (1995b) volta-se para o âmbito subjetivo na tentativa de combater essa irracionalidade e denunciar as contradições dessa (de) formação através da promoção de um verdadeiro esclarecimento, proposta que havia sido minada com a consolidação burguesa: “Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade

8. O conceito de subjetividade, para Abbagnano (2007, p. 922), se trata do “Caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de “meus”. Na concepção adorniana, a subjetividade se relaciona aquilo que é da individualidade do sujeito, ou seja, de seu âmbito particular, de seus pensamentos individuais. Porém, em Adorno (1995b), só se pode falar em uma verdadeira subjetividade quando o indivíduo possui a capacidade de pensar por si, não só no sentido de não se submeter ao pensamento de outrem, mas também na capacidade de realizar experiências. Para o autor, uma verdadeira formação é requisito essencial para o fortalecimento das subjetividades.

de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo” (p. 121). Por isso é que o autor, em várias obras, se volta para a educação como aquilo que pode contribuir para que Auschwitz não se repita, ou seja, para que os pressupostos que fomentam a barbárie – essa racionalidade irracional – não se perpetuem. Assim, Adorno (1995b) coloca como meta máxima da educação o combate à barbárie. Dessa forma, percebendo no Jornalismo Policial uma expressão das tendências bárbaras, trouxemos essa temática para o contexto da educação, na tentativa de fortalecer as pesquisas na área e contribuir com o combate a essa irracionalidade da sociedade. Feitas tais considerações, o estudo em questão possui como objetivo central analisar as ideologias da violência que são propagadas através da apuração sensacionalista feita pelo Jornalismo Policial, partindo do pressuposto de que tais ideologias provocam (de) formação e fomentam a barbárie.

Realizamos este estudo de acordo com a dialética negativa adorniana, nos atentando para a essência dos fenômenos envolvidos pela relação de negação e afirmação entre sujeito e objeto, ou seja, sua totalidade, considerando suas contradições, idealizações e relações históricas e sociais constituintes. Para tanto, delineamos os processos de constituição da sociedade capitalista e suas relações com o indivíduo. Trouxemos suas bases, contradições, ideais e ideologias. Mostramos como essa sociedade começou a se sustentar através dos mecanismos da Indústria Cultural e como isso foi crucial e determinante para a (de) formação dos indivíduos, para a constituição de uma racionalidade irracional e para o desenvolvimento da barbárie. Colocamos, também, como a educação pode ser posta nesse contexto para realizar sua meta adorniana, que é o combate à barbárie. Os conceitos de Indústria Cultural, ideologia, pseudoformação,⁹ barbárie e educação foram

9. Neste trabalho, adotamos o conceito de pseudoformação de acordo com a advertência de Adorno (1995a), em seu texto Sobre Sujeito e Objeto, em relação ao caráter de falsidade do termo “pseudos”. Seu alerta diz respeito aos riscos de se conciliar sujeito e objeto, teoria e prática, de

centrais nesse primeiro momento. Usamos, portanto, o respaldo histórico dado por Hobsbawm (2017a, 2017b), as ideias de Adorno (2003) e Adorno e Horkheimer (1973, 1985) acerca da ideologia e da Indústria Cultural, e os estudos de Adorno (1995b, 2010) a respeito da semiformação, educação e barbárie.

Na sequência, buscamos as conexões dessa totalidade social e histórica com o objeto de pesquisa. Relacionamos, primeiramente, a configuração social e a (de) formação do indivíduo nesse contexto com a estrutura do Jornalismo Policial, no sentido de que a construção de suas notícias obedece a um sentido mercadológico, em que o sensacionalismo se torna recurso de ornamentação para chamar a atenção e, conseqüentemente, garantir audiência. Nesse processo, perde-se a finalidade da informação educativa e a preocupação com seu conteúdo, momento em que a temática da violência – que é central do gênero em questão – acaba sendo apurada de forma a desconsiderar suas implicações nocivas, intuituais e ideológicas. A partir dessa estruturação, e principalmente a partir da (de) formação que se coloca como tendência ao indivíduo da sociedade capitalista pelas mídias, as ideologias se propagam acerca da violência, juntamente com seus potenciais bárbaros, tendo, como única saída, a educação, como meio de evitar tal reprodução destrutiva.

Nesse momento do trabalho, as ideias de Adorno (1995b; 1987) sobre as relações da televisão com a Indústria Cultural e a formação, as ideias de Sodré (2003) a respeito da televisão como meio de comunicação a serviço da Indústria Cultural e a análise de Marcondes Filho (1988; 1989) sobre a mercadologização no jornalismo foram fundamentais. Angrimani Sobrinho (1995) deu o conceito de sensacionalismo e Romão (2003), os aspectos referentes ao Jornalismo Policial. Essa base teórica, juntamente com os estudos acerca de educação e barbárie, concentrados principalmente na obra adorniana Educação e Emancipação (1995b), nos permitiu inferir a respeito das tendências bárbaras que se dão, possivelmente, através das ideologias da violência.

modo adialético. Desse modo, o conceito de “semi”, como significado de “meio”, em português, não contempla o sentido crítico radical de Adorno quando se refere à falsa educação (Adorno 1995a).

Para fins de tais construções teóricas e seu embasamento conceitual, adotamos a metodologia da pesquisa bibliográfica. Lima e Miotto (2007) explicam que esta possibilita a compreensão do objeto de estudo a partir de fontes bibliográficas, pois permitem o acesso a uma gama de informações, as quais, unidas à reflexão do pesquisador, viabilizam o entendimento do problema colocado. Dessa maneira, posterior à coleta de documentos/dados que serviram de respaldo para o estudo, é realizada sua análise para uma síntese integradora sobre o assunto. Acreditamos que, através da pesquisa bibliográfica, subsidiamos nossa discussão proposta nos dois primeiros momentos.

Na última parte do trabalho, analisamos o problema da pesquisa através de uma análise de conteúdo de reportagens dos telejornais “Brasil Urgente” e “Cidade Alerta”, que se enquadram no gênero do Jornalismo Policial. Trouxemos um breve histórico dos telejornais e abordamos, em seguida, as reportagens analisadas. A metodologia da análise de conteúdo permite analisar as mensagens, tanto transmitidas por falas, quanto por materiais audiovisuais, realizando inferências sobre as mesmas, de acordo com o objetivo da pesquisa (Júnior 2008). Assim, selecionamos reportagens veiculadas nos meses de janeiro a junho do ano de 2018, escolhendo uma reportagem por mês de cada telejornal, totalizando doze reportagens. Estas foram escolhidas na plataforma YouTube,¹⁰ onde os referidos telejornais postam, diariamente, suas reportagens, onde se pode encontrar uma espécie de acervo das edições já exibidas. A ideia foi de que, com todo o aporte teórico dado anteriormente, pudéssemos, munidos das categorias conceituais, inferir acerca das ideologias que tais reportagens propagam a respeito da violência e alertar sobre seus potenciais bárbaros.

10. O YouTube é um site, fundado em 2005, onde seus usuários – mediante cadastro e criação de uma conta – podem compartilhar vídeos em formato digital (Burgess e Green 2009). Possui “mais de um bilhão de usuários, quase um terço dos usuários da *Internet* e, a cada dia, as pessoas assistem a milhões de horas de vídeos no YouTube e geram bilhões de visualizações” (Estatísticas 2016). Você pode acessar o site através do link: <http://www.youtube.com.br/>.

De início, o critério de seleção do período das reportagens se deu com base nas altas taxas de violência entre os anos de 2018 e 2019. O primeiro semestre de 2018 conteve maior índice e, por esse motivo, foi escolhido. Acerca da escolha das reportagens em si, nos guiamos pela regra de pertinência, apresentada por Júnior (2008), em que os documentos selecionados para análise devem estar de acordo com os objetivos da pesquisa. Como objetivamos identificar ideologias acerca da violência como um todo, buscamos reportagens que variassem nas expressões da violência – assassinatos, roubos, feminicídio, pedofilia, estupro –, já que gostaríamos de encontrar ideologias em comum a respeito da violência, mesmo que sua expressão seja diferente.

Por fim, apresentamos o lugar que ocupa a educação e a cultura no sentido de prevenir a violência e resistir a qualquer espécie de barbárie social, seja em âmbito subjetivo ou objetivo, social ou individual, um desafio a estudiosos e pesquisadores que engloba todas as áreas do conhecimento.